

## CRIANÇAS DE FRAÇÕES DE CLASSE MÉDIA QUE APRESENTAM BAIXO DESEMPENHO NA ESCOLA: COMO SÃO JULGADAS?

doi: 10.4025/imagenseduc.v3i3.21550

Ana Carolina Colacioppo Rodrigues\*  
Alda Junqueira Marin\*\*

\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. acolacioppo@hotmail.com

\*\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. aldamarin@pucsp.br

### Resumo

Este artigo analisa manifestações de docentes e familiares referentes ao que cerca o fato de alunos de quarta série, de frações de classe média, apresentarem baixo desempenho escolar. Pretende analisar os fatores relacionados à insuficiência de desempenho escolar de crianças em escola privada. As principais referências para a realização do presente estudo foram Bourdieu, que alerta para a impossibilidade de analisar as desigualdades escolares apenas como produtos das desigualdades supostamente naturais entre as pessoas, pois no sistema educativo há um processo implícito que gera diferenças; Lahire e Charlot, que ressaltam a importância da análise de desempenhos escolares marginais de crianças de determinadas classes sociais, resultados que ultrapassam a perspectiva estatística. As informações foram coletadas nas atividades dos alunos e em entrevistas com professoras e mães. As análises evidenciaram que as crianças apresentaram resultados aquém das expectativas docentes num contexto em que o desempenho foi considerado como um fenômeno constituído na presença de diversas circunstâncias pelos agentes da escola e justificado nas manifestações por meio de perspectivas relacionadas às características inatas ou a fatores influenciados pela configuração do ambiente de classe média da criança.

**Palavras-chave:** anos iniciais do ensino fundamental, escola privada, fracasso escolar, avaliação.

**Abstract: Middle class children and low performance in school: How are they to be refereed?** Opinions of teachers and families on some middle class students in the fourth grade with low academic performance are debated. The essay examines the factors related to inadequate academic performance of children in a private school. Bourdieu is the main reference for current study since the philosopher's works highlight the impossibility of analyzing school inequalities as merely the products of supposedly natural inequalities among people. This is due to the fact that, within the educational system, an implicit process that generates differences exists. Moreover, Lahire and Charlot, who emphasize the importance of analyzing marginal school performances of children of certain social classes, state that results go beyond the statistical stance. Data were collected during the activities of students and in interviews with teachers and mothers. Analyses showed that the children produced results below teachers' expectations. Performance was regarded as a phenomenon generated within school circumstances and justified by demonstrations related to innate characteristics or factors influenced by the children's middle-class environment.

**Keywords:** early years of elementary school, private school, school failure, evaluation.

### Introdução

Várias questões sobre ocorrências em relação a aspectos que envolvem o baixo desempenho de alunos nas escolas, e que vêm

sendo consideradas como expressões de fracasso escolar, sobretudo na rede pública de ensino, estão presentes nas discussões dos órgãos oficiais e dos especialistas responsáveis pela educação. Nessa dinâmica, verifica-se que as instituições privadas não constituem foco de interesse privilegiado nesses debates, pois se supõe que essas estão bem preparadas para o amparo dos processos de escolarização da infância e da juventude. Entretanto, esse é um foco estipulado em nosso projeto coletivo, ao abrigo do qual desenvolvemos os estudos e as pesquisas. Com duas entradas básicas de investigação – a organização escolar e as práticas pedagógicas – considera-se que compreender a escola implica a apreensão de relações recíprocas entre vários aspectos e, nesse conjunto, importa captar as semelhanças e diferenças entre escolas públicas e privadas envolvendo questões não elucidadas que crescem em importância desde os anos de 1980 (MARIN et al., 2006, p. 5).

Nesse cenário, neste estudo, pretende-se analisar fatores relacionados à insuficiência de desempenho escolar de crianças em escola privada.

Este artigo foi desenvolvido norteado pelas seguintes questões: o que cerca o fato de alunos de classe média que, pretensamente, têm condições de ter um bom rendimento, a serem avaliados com baixo desempenho na escrita? Como as crianças são julgadas?

A motivação a realizar pesquisas no âmbito do insucesso escolar em escola privada se acentuou mediante reflexões acerca de alunos que apresentaram baixo desempenho, mesmo após avaliação formativa e recuperação paralela. Essa realidade consistiu, inicialmente, como um argumento importante para a continuidade do estudo, pois há grande quantidade desse tipo de escola no país.

São apresentados dados de referências na área estudada e os apoios teóricos que auxiliam essa compreensão. Em seguida estão os dados obtidos.

### Alguns estudos e apoios

No cenário acadêmico e empírico dessas circunstâncias, mediante a análise dos estudos teóricos e de pesquisas, foi possível detectar que os dados sobre o fracasso escolar foram, inicialmente, marcados por um discurso ideológico no qual os motivos do mau desempenho estavam relacionados aos fatores

hereditários do indivíduo. Aproximadamente na década de 1970, essas teorias foram questionadas e a origem social dos alunos passou a ser um aspecto importante considerado nas pesquisas educacionais, surgindo as teorias da carência cultural e as relações com características sociais (PATTO, 1999).

Desde então, diferentes autores em diversos países vêm se dedicando aos estudos dessas questões com abordagens sociais. Para Bourdieu (1998), no sistema educativo há um processo implícito que seleciona, gerando diferenças sociais de modo que as crianças das camadas sociais mais altas são favorecidas porque têm capital cultural parecido com o valorizado no sistema escolar. A ação pedagógica tem características que privilegiam a cultura dominante e as famílias bem posicionadas, socialmente, têm ambiente cultural mais próximo do que é valorizado na escola. Bourdieu estabeleceu importantes relações entre o sistema de ensino e a estrutura social, tornando insuficiente analisar as desigualdades escolares somente como produtos das diferenças supostamente naturais entre os homens. Os profissionais que trabalham na escola, ao transmitir conteúdos, desconsiderando as desigualdades culturais entre as crianças de diversas classes ou frações de classes sociais, sem consciência absoluta, privilegiam, na maioria das vezes, os indivíduos dos meios sociais favorecidos. Os trabalhos de Bourdieu trouxeram muitas contribuições à área educacional; marcaram, principalmente a partir da década de 1970, os estudos na educação, em especial as questões relativas à seletividade no interior da escola, apontando a diferença de rendimento em razão das condições sociais dos alunos e comparando indivíduos de baixa renda e de condição social mais elevada.

O autor também se preocupou em verificar as manifestações de professores sobre os alunos. Com base em estudo empírico, escreveu o artigo denominado *As categorias do juízo professoral*. Bourdieu e Saint-Martin (1998) examinaram as anotações feitas por professores à margem dos trabalhos escolares de alunas de Filosofia de um curso preparatório para a Escola Normal Superior de Paris, em 1960. Eles perceberam que as notas e os bons julgamentos eram melhores à medida que a posição social da aluna fosse mais alta; os juízos estavam relacionados com a origem social; as alunas foram avaliadas pela postura corporal, cultura geral, aparência física e

por outros critérios externos que as pessoas adquirem no meio social em que vivem. Assim, analisa-se e reforça-se a ideia de que a herança cultural familiar foi transformada em capital escolar.

Vale ressaltar que os julgamentos expostos neste trabalho estão relacionados com as condutas de mãe e de professora de fração de classe média, mas não com a postura e os outros critérios abordados por Bourdieu e Saint-Martin (1998), mas cujo trabalho auxilia a possibilidade de estabelecer certas relações. Estudos realizados por outros autores em décadas posteriores acrescentaram mais dados. Charlot (1996), por exemplo, aponta que os sociólogos dos anos 1960 e 1970 mostraram a correlação estatística entre a origem social dos alunos e seus resultados escolares, mas a teorização gerada não permitiu conhecer bem os casos marginais, como os de alunos de meio social privilegiado que não obtêm êxito escolar, em situação similar aos aqui analisados. O autor considera essencial não deixar de lado as singularidades, visando compreender as possibilidades de casos marginais e conhecer as formas modernas de desigualdade social no âmbito escolar e as perspectivas de situações diversas.

Lahire (2004) aponta a necessidade de investigar a dinâmica de cada família para compreender como e em que grau os capitais e *habitus* dos pais, membros das famílias, são, ou não, transmitidos às crianças. Ele busca entender as razões que ultrapassam a mera perspectiva estatística de desempenho escolar nos meios populares franceses e verifica formas de organização familiar, procurando reconhecer diferenças secundárias entre famílias. Como resultado de seus estudos, o autor aponta que nas camadas populares há alunos que apresentam rendimento escolar que foge das perspectivas estatísticas, obtêm resultados mais altos, ou mais baixos, do que os mais comumente atribuídos ao discente que frequenta as zonas prioritárias de educação francesa, demonstrando limites de análises quantitativas. Quer dizer, há alunos que pelas suas condições socioeconômicas e culturais estariam nos contingentes de fracasso escolar, mas se sobressaem apresentando êxito de escolaridade.

Seguindo os princípios teórico-metodológicos propostos por Bourdieu (1998) e Lahire (2004), ressalta-se a necessidade de investigar contextos inversos, quais sejam os que envolvem alunos de escolas privadas no que

se refere a circunstâncias de insucesso. Difunde-se, na população paulistana, a ideia de que os alunos das escolas privadas recebem educação de melhor qualidade e, portanto, são melhor formados, contando com condições sociais e econômicas para obterem sucesso. Entretanto, há circunstâncias que ficam aquém dessas expectativas positivas cercado esses alunos, sendo necessário elucidar o que ocorre nesses contextos. Os recursos econômicos são importantes para uma escolarização bem-sucedida, mas insuficientes para a construção de uma trajetória escolar prestigiosa (ALMEIDA, 2007).

Nogueira (2004) trata o favorecimento econômico e a excelência escolar como um mito, mostrando que jovens das classes sociais favorecidas também apresentam trajetórias escolares acidentadas. Esses jovens estudados pela pesquisadora apresentaram uma relação com a escola em que as finalidades perseguidas foram, na maioria das vezes, exteriores ao conhecimento em si e afetadas pelo utilitarismo. Demonstraram certo desinteresse pela escola, parecendo que a escola era pouco para eles, desempenhando papel secundário no preparo profissional; eles apresentaram grande interesse pelo mundo empresarial e pelos desafios que este lhes causava. E no caso das crianças menores, de frações da classe média, quais fatores associam-se às situações de baixo desempenho em escolas privadas?

### O cenário e os materiais analisados

A coleta de informações ocorreu em duas turmas de alunos de quarta série. Nessa dinâmica, as manifestações analisadas são referentes a quatro crianças, duas de cada sala, que apresentavam baixo desempenho na série frequentada.

As duas professoras entrevistadas demonstravam satisfação com o rendimento geral de suas turmas. Entretanto, ao serem questionadas a respeito dos resultados escolares de cada um dos seus alunos em relação à aprendizagem dos conteúdos ensinados nas aulas, apresentaram outras perspectivas. Queixaram-se de certos alunos e tal reclamação era feita, principalmente, em relação ao desempenho deles no que tange à aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa, fundamental para o desenvolvimento das habilidades almejadas no âmbito em questão.

Assim, o presente artigo se mantém com foco nas manifestações a respeito de alunos que geraram preocupações aos profissionais da escola no que se refere à aprendizagem, principalmente da linguagem escrita. É importante ressaltar que a Língua Portuguesa é a língua da escola, a leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado das outras disciplinas escolares, e os alunos selecionados apresentavam dificuldades consequentes de problemas relacionados ao desenvolvimento das habilidades de escrita, uma das características mais centrais do processo de escolarização.

Esses alunos, cujos nomes são fictícios, destacaram-se por apresentar rendimento escolar inferior aos dos seus colegas de classe e por terem recebido auxílio especial de seus professores para conseguirem ou tentarem acompanhar o rendimento da turma, caracterizando, assim, situações de expressão de fracasso escolar.

Nessa perspectiva, para a realização de uma análise comparativa de desempenho do alunado, foram selecionadas produções de textos de alunos e escolhidos seis alunos em cada classe. O critério para a seleção foi pautado nas avaliações efetuadas pelas professoras em relação ao desempenho. Analisando-se os prontuários, foram escolhidas as atividades de dois alunos de cada sala que apresentavam baixo, médio e alto desempenho, a fim de verificar quais foram os critérios, as diferenças e as semelhanças entre os julgamentos efetuados pela professora. Seguem algumas considerações exemplificadoras sobre os textos selecionados para análise.

Em atividade a respeito de um livro denominado *Amarelinho*, de José Ganymédes (GANYMÉDES, 2002), após a conversa sobre a situação vivida por Amarelinho, a professora propôs que cada criança criasse um final para a história do livro.

Bruna, avaliada com baixo desempenho, criou uma história com bom contexto significativo, expressou todo o final que imaginou, utilizou uma folha e meia de linguagem, mas apresentou erros de concordância verbal, troca de letras e ausência de pontuação. Assim, sua professora valorizou pouco o trabalho, atribuindo-lhe nota abaixo da média.

Leandro, outro aluno com baixo desempenho, escreveu um parágrafo e, mesmo

assim, apresentou erros ortográficos, obtendo, portanto, nota bem abaixo da média.

Entre as produções dos alunos que apresentavam rendimento médio e as dos que apresentavam alto desempenho, nesse tipo de atividade, há muitas semelhanças, mas também foram encontradas diferenças mais sutis. As crianças que apresentavam alto desempenho, Márcia e Rodrigo, criaram títulos diferenciados para a redação – *A comovente história de Amarelinho* e *A trajetória de vida do menino Amarelinho* – enquanto as crianças Lucas e Beatriz, que apresentavam desempenho médio, escreveram *A história de Amarelinho*. As crianças que apresentavam alto desempenho escreveram textos mais extensos, os outros redigiram histórias mais curtas. Elas apresentaram textos organizados e coerentes e a professora os avaliou com notas próximas de dez, a nota máxima da escala. Dessa forma, parece fácil atribuir notas altas a crianças que não apresentam dificuldades explícitas à comunidade escolar.

No âmbito analisado, os alunos que tiveram seus textos aqui selecionados além de serem avaliados pela criatividade, ao redigirem um texto, são avaliados em atividades em que devem escrever sobre o que entenderam da leitura de um livro ou do que escutaram ou leram da explicação da professora, prática que nos remete à crítica de Geraldí (1988) de que a escola ensina a criança a repetir a leitura do professor, e, nos casos analisados, também, em relação aos dos autores de histórias, mostrando a expectativa docente de imediatez de resultados.

Observou-se que as crianças com baixo desempenho redigiam histórias com problemas em relação à pontuação, à organização do texto, à ortografia. Assim, os critérios para a avaliação foram pautados pelas questões gramaticais, pelos aspectos formais da produção do texto ensinados na escola e exigidos nas avaliações da escrita. As professoras entrevistadas apresentavam padrão de escrita que valorizava textos redigidos de acordo com regras formais, realizando correções de textos baseadas nas questões relacionadas à apropriação do sistema da escrita.

Mediante esses dados do cenário escolar apresentados, a seguir estão as manifestações sobre o baixo rendimento escolar na escrita, visando à compreensão dos fatores relacionados às situações de insucesso discente.

### **Manifestações a respeito de alunos com baixo desempenho na escrita e que apresentaram empecilhos à aprendizagem diagnosticados por profissionais de fora da escola**

Ao questionar a professora A sobre as dificuldades de Juliano, um dos alunos selecionados pelo desempenho apresentado na escrita, por produzir textos curtos e com problemas em relação à pontuação, à organização do texto, à ortografia, foram feitas as seguintes considerações:

O Juliano precisa de um atendimento especial, se sobressai em relação aos outros, pois não tem facilidade para compreender os conteúdos trabalhados. Ele senta ao meu lado, recebe auxílio durante o período todo e, muitas vezes, consegue compreender o conteúdo que foi trabalhado nas aulas. Ele é um aluno muito esforçado, mas tem dificuldade para escrever (PROFESSORA A).

Juliano recebia acompanhamento médico e a ideia dessa medida foi oriunda, de acordo com a professora A, de um profissional da família do garoto.

A Gabriela (mãe de Juliano) diz que leva o filho ao neurologista desde pequeno, porque ele tem um tio que é pediatra e acha que o garoto precisa desse acompanhamento. O neurologista afirmou que o Juliano é hiperativo e deveria tomar Ritalina. [...] Mesmo com o tratamento, o Juliano apresenta muita dificuldade para escrever, troca muitas letras, não utiliza a pontuação para dividir o texto, escreve parágrafos confusos (PROFESSORA A).

O rótulo da hiperatividade foi usado para marcá-lo, já que ele era esforçado e recebia auxílio. Essas considerações estão relacionadas à crença no determinismo biológico, que permite a aceitação de que a vida de um indivíduo está definida por seus genes e os fenômenos sociais são consequências da formação genética (COLLARES; MOYSÉS, 1997).

Tais argumentos remetem-se ao cientificismo valorizado pelas famílias de classe média. Os aspectos abordados em relação à situação vivenciada relacionam-se à conduta de classe média, abordada por Dias da Silva (1986)

em pesquisa realizada com mães, na qual a autora ressalta que as mães passaram a valorizar a leitura de publicações sobre a criação dos filhos, a orientação do psicólogo, do médico, por acreditarem que esses profissionais tinham mais conhecimento porque estudaram mais, legitimando as orientações de especialistas.

Leandro, aluno de outra turma de quarta série, foi caracterizado por sua professora como uma criança que lhe gerava muita preocupação em decorrência da dificuldade que apresentava para ler e escrever:

O Leandro troca muitas letras ao falar e escrever, foi avaliado e precisa de acompanhamento fonoaudiológico. Eu e a Rosa (Coordenadora Pedagógica) já conversamos diversas vezes com a mãe do Leandro sobre o problema, mas ela não leva o filho para receber um tratamento adequado. Iniciou alguns tratamentos, mas não deu continuidade. Ele foi reprovado na primeira série, já é um ano mais velho do que a turma e tem muita dificuldade. Os colegas gostam muito dele, gostam de ajudá-lo (PROFESSORA B).

A professora mencionou que o garoto era muito esforçado, tentava fazer todas as atividades propostas em sala de aula, mas tinha muita dificuldade em acompanhar o ritmo da sala, ficando extremamente nervoso quando a aula terminava e não conseguia finalizar as lições.

Senta-se perto da minha mesa e recebe explicações individuais para conseguir fazer as tarefas. Ele precisa obter melhores resultados. No ano que vem ele precisará ter maior autonomia e agilidade para conseguir acompanhar o ritmo da sala, pois há muitas mudanças de professor em um mesmo dia. [...] Ele lê com dificuldade os textos utilizados nas disciplinas, o que prejudica seu aproveitamento escolar; apresenta diversos tipos de erros ortográficos, omite letras ao escrever, não utiliza corretamente a pontuação para dividir o texto, produz parágrafos bastante confusos, tem dificuldade para compreender textos extensos. Trabalho no processo de recuperação e reforço paralelos para que ele obtenha melhores resultados na produção escrita, deixe de apresentar tantos erros ortográficos, pontue melhor os textos, escreva coerentemente e mais nos momentos em

que precisa elaborar uma redação (PROFESSORA B).

As manifestações docentes expostas para o baixo desempenho reiteram a ideologia do dom e, ao se considerar o fracasso escolar relacionado ao dom, as características supostamente naturais são atribuídas aos alunos e, assim, pensa-se que elas os impedem de apresentar o desempenho de outros alunos (BOURDIEU, 1998). O primeiro aluno é considerado hiperativo, mas toma medicação que certamente o deixa com as condições cognitivas alteradas; e o segundo é avaliado na relação com a expectativa face aos demais sem considerar os resultados específicos de sua evolução, a cada momento: avalia-se pelo padrão esperado.

### **Manifestações a respeito de crianças com problemas de desempenho considerados como relacionados a fatores influenciados pela configuração do ambiente em que os alunos vivem**

A professora A apresentou considerações muito diferentes a respeito do outro aluno da mesma sala que apresentava baixo desempenho. Marcelo foi caracterizado por sua professora como um aluno que não apresentava dificuldade, mas não obtinha bom rendimento porque:

gosta de conversar durante a aula inteira. Não se esforça, está sempre desatento durante as explicações. Os pais dele trabalham bastante, e ele fica até o fim do dia com uma pessoa que trabalha em sua casa e que permite que ele brinque até muito tarde na rua; ele joga futebol até dez, onze horas, e, então, não faz as tarefas escolares que deveria fazer em casa, não estuda para as provas. Ele é mais velho do que a turma, cursou duas vezes a primeira série. Tem preocupações diferentes das dos seus colegas (PROFESSORA A).

Segundo a professora A, Marcelo apresentava problemas muito mais relacionados à disciplina exigida na instituição escolar do que problemas relacionados à aprendizagem, já que ele era considerado como um garoto que não se esforçava para aprender durante as aulas, também não fazia as tarefas em casa.

A mãe de Marcelo, além de trabalhar o dia todo, estudava à noite. Marcelo ficava em casa com uma pessoa sem estudos que cuidava do

serviço doméstico. Nesse contexto, as pessoas que apresentam as disposições culturais susceptíveis de ajudar a criança, como é o caso da mãe de Marcelo e do seu marido, que é professor, pós-graduado, muitas vezes, não têm tempo para gerar efeitos de socialização. Nessa circunstância, a presença objetiva de um capital cultural familiar não teve sentido, considerando o que Lahire (2004) aponta: a inocuidade dos capitais se esse não for colocado em condições que possibilitem a sua apropriação. Os indivíduos, muitas vezes, não conseguem construir os dispositivos familiares que tornariam possível ensinar conhecimentos ou disposições úteis na escola. Com capital cultural igual, dois contextos familiares podem gerar situações escolares muito diferenciadas naquilo que se relaciona com o rendimento escolar e com a origem dos capitais (LAHIRE, 2004), conforme apresentado a seguir.

Outra aluna selecionada, Bruna, foi caracterizada por sua professora como uma criança que tinha baixo rendimento, principalmente em Língua Portuguesa. Na ótica da professora B, a Bruna:

apresenta muitas trocas ortográficas, frequentemente não lê com facilidade os diferentes textos utilizados nas aulas, o que prejudica seu rendimento escolar. É desatenta na aula, muitas vezes fica atrasada em relação aos colegas. Precisa de atenção especial dos professores, às vezes não compreende os conteúdos nas recuperações paralelas. Ela ainda redige de maneira bastante confusa em relação aos seus colegas de classe (PROFESSORA B).

Além de falar sobre o desempenho em Língua Portuguesa, a professora se manifestou sobre outros aspectos da vida da aluna:

É uma criança excessivamente protegida pelos pais. A Bianca (mãe de Bruna) pediu para não deixar a filha dela de recuperação, pois a Bruna poderia ficar muito triste com a situação. Se a Bruna diz que não quer ir à escola, quer ficar em casa, a Bianca deixa ela faltar (PROFESSORA B).

Para completar essas expectativas em relação à Bruna, mencionam-se as dinâmicas que influenciam o desempenho escolar na ótica da mãe da aluna. Ao falar sobre a criação de filhos,

a mãe da Bruna expôs aspectos que considerava relacionados ao desempenho de sua filha.

A educação. É o que falta para as minhas crianças. Horário de dormir, horário certo de comer, não vai sair durante a semana, porque lá em casa eu falo não e meu marido fala sim e eles acabam saindo, voltam tarde. Lá não, um falava não, os dois não (seus pais). E a educação, poxa, eu pago escola, e eles não estão nem aí. Eu quero ver um monte de zero esse ano então, porque eu não vou pagar professora particular (MÃE B).

Ao refletir sobre a sua própria formação, a mãe considerou que há falhas na educação de seus filhos, o que influencia no sentido, no valor que Bruna e seu irmão atribuem à escolarização. Nessa situação, percebe-se que as configurações familiares (LAHIRE, 2004) influenciam as situações escolares de um modo diferente do anterior. Nota-se que a mãe revelou não conseguir impor limites na educação de seus filhos, aspecto que pode influenciar o tipo de compromisso que apresentam em relação ao estudo.

Nos últimos dois casos abordados, as manifestações referem-se principalmente a questões às quais não foram encontradas justificativas plausíveis que convencessem os agentes da escola de que as crianças apresentavam algum tipo de problema biológico. As justificativas a respeito da avaliação da escrita expostas relacionam-se a influências do ambiente no qual as crianças vivem, como a falta de limite em relação à disciplina imposta pelas famílias em relação às rotinas da vida diária em casa e ao excesso de proteção recebida pela criança no lar em que vive.

Nessas circunstâncias, é necessário lembrar que as taxinomias e os sistemas de classificação ocupam funções que não são de puro conhecimento, pois a prática implica uma operação de conhecimento, uma operação mais ou menos complexa de classificação, que nada tem em comum com um registro passivo, sem fazer disto uma construção apenas intelectual; o conhecimento prático é uma operação prática de elaboração que impulsiona sistemas de classificação que organizam a percepção e o julgamento, e estruturam a prática. Gerados pela prática, esses esquemas de percepção, de julgamento e de ação que são adquiridos pela prática e utilizados na prática funcionam como

operadores práticos por meio dos quais as estruturas objetivas das quais eles são resultados tendem a se reproduzir nas práticas (BOURDIEU, 1998).

Assim, os julgamentos expostos neste trabalho estão relacionados com as condutas de classe média das mães das crianças e das professoras, com os padrões de comportamento e desempenho esperados para as crianças que convivem nos âmbitos abordados. Nesse sentido, os resultados escolares não são somente produtos da avaliação que os profissionais que trabalham na escola realizam em relação ao puro desempenho das crianças, mas são consequências, também, das expectativas das professoras e resultantes dos juízos criados nos lares em que os alunos convivem, já que essas manifestações são periodicamente explicitadas entre os agentes da escola. Ou seja, as avaliações levam em consideração os elementos trazidos de fora, critérios próprios dessa fração de classe e se referem a aspectos escolares, explicitando expectativas familiares transmitidas à escola.

A detecção dessas situações leva a considerações de Rosenthal e Jacobson (1981), ao apresentar o conceito de profecias auto-realizadoras para caracterizar as expectativas, ou seja, quando se espera que o aluno obtenha um resultado positivo ou negativo. Os resultados encontrados foram justificados aventando-se que as crianças teriam tais avaliações porque os resultados anteriores os indicavam, podendo novamente serem confirmados.

### Considerações finais

A análise das informações evidenciou que as professoras valorizavam a produção de textos redigidos de acordo com os aspectos formais, consideravam como essencial que o aluno escrevesse do modo como foi ensinado nas aulas. O fato de o aluno redigir um texto transmitindo mensagem ao leitor foi insuficiente e pouco valorizado na avaliação, por apresentar problemas em relação aos aspectos formais. Além disso, as professoras, ao trabalharem com turmas de alunos, com diversificados tipos de avaliação de desempenho escolar, e, também, ao conversarem com os pais das crianças e/ou profissionais da área da saúde que acompanharam as crianças, apresentaram expectativas em relação ao desempenho dos alunos, que, de acordo com Rosenthal e

Jacobson (1981), podem funcionar como profecias auto-realizadoras. A questão a ser ressaltada aqui não é a de ter a expectativa de que as crianças escrevam corretamente, pois é trabalho das professoras exigir isso. Devem ganhar relevo as questões de não considerar outros aspectos da redação, como as mensagens interessantes, tal qual a de Bruna, e as justificativas utilizadas para a atribuição do rendimento, sem levar em consideração a necessidade de avaliações de cada aluno em relação com o seu desempenho passo a passo no processo.

É possível concluir que as diferenças supostamente naturais entre as crianças foram usadas como categorias explicativas para o baixo desempenho escolar na metade dos casos. Verifica-se que a interferência de outros profissionais, que não são os professores, foi bastante valorizada no processo educativo desde a família, e as considerações docentes a respeito das dificuldades dos alunos ficaram submetidas a elas, seja pelos diagnósticos citados, seja pelas razões médicas apontadas, seja pelas razões de cunho psicológico difundido e aceito, tanto pelas famílias como pelos professores.

A atuação da família também foi mencionada nas entrevistas como fator que interferiu no desempenho escolar quando ela não aconteceu de maneira a auxiliar no processo de aprendizagem. Os julgamentos estão relacionados com as condutas de mãe e de professora de frações de classe média, que valorizam os argumentos psicopedagógicos (DIAS DA SILVA, 1986). O baixo desempenho dos alunos foi assumido pelas entrevistadas como consequência de um problema da criança, diagnosticado por profissionais externos, ou de uma situação vivenciada pela família com periodicidade suficiente para influenciar negativamente o rendimento da criança, o que propiciou que as circunstâncias relacionadas à avaliação fossem aceitas pelos docentes e os discursos de profissionais que atuavam fora da escola ganhassem legitimidade.

Esses aspectos fortaleceram a credibilidade criada por parte dos agentes escolares e dos familiares dos alunos a respeito da relação intrínseca entre a família e/ou as características supostamente naturais às situações de fracasso vivenciadas, ao mito do dom relativo ao desempenho escolar.

É plausível considerar que metade dos casos analisados remete à noção do dom, ainda

presente nos discursos, que, conforme as exposições de Ireland et al. (2007), está enraizada na ideologia profissional. Assim, ao pensar sobre o fracasso escolar relacionado ao dom, certas características supostamente naturais são atribuídas ao aluno e, conseqüentemente, acredita-se que essas o impedem de apresentar o mesmo desempenho de seus pares.

Por fim, é importante lembrar que os alunos que apresentaram baixo desempenho receberam um tratamento diferenciado, ocorreram ações na escola a fim de homogeneizar o desenvolvimento de habilidades dos educandos. Porém, não se pode deixar de considerar que os professores avaliaram, analisaram os alunos em todos os momentos e criaram conceitos, pois, de acordo com Bourdieu (1998), no processo educativo há um processo implícito de seleção. Os alunos foram avaliados periodicamente, de forma que certas crianças obtiveram resultados escolares aquém do desejado em decorrência de diversas circunstâncias geradas no meio familiar, escolar, em que convivem, e, dentre elas, a maneira como foram julgadas pelos seus professores após serem observadas durante algum tempo. Assim, enquanto as professoras acreditavam que perseguiam o ideal de igualdade de resultados durante as aulas, ao oportunizar novas chances para o aluno que não compreendeu o conteúdo em sala, trabalhando com procedimentos e recursos diferenciados, a criança que já o dominava, teve a oportunidade de reforçá-lo, revisá-lo, relacioná-lo a outros conteúdos trabalhados. Então, as desigualdades de resultados continuaram ocorrendo nas turmas durante o período analisado, mesmo em crianças de estratos sociais similares.

### Referências

- ALMEIDA, A. M. F. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. (Org.). **Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 44-59.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Org.). **Pierre Bourdieu – Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79.

- \_\_\_\_\_.; SAINT-MARTIN, M. de. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 185-216.
- CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa**, n. 97, p. 47-63, 1996.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência. **Revista de Psicologia da USP**, v. 8, n. 1, p. 63-89, 1997.
- DIAS DA SILVA, M. H. G. F. **A educação dos filhos nos últimos cinquenta anos: a busca do melhor?** 1986. 273p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.
- GANYMEDES, J. **Amarelinho**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- GERALDI, J. W. A leitura na sala de aula. **Idéias**, n. 5, p. 79-84, 1988.
- IRELAND, V. É. et al. (Coord.). **Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever**. Brasília: UNESCO, MEC/INEP, 2007.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2004.
- MARIN, A. J. et al. **Organização escolar e práticas pedagógicas**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. (Projeto de pesquisa-mimeo)
- NEGREIROS, P. R. V. de. Séries no ensino privado, ciclos no público: um estudo em Belo Horizonte. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 181-203, 2005.
- NOGUEIRA, M. A. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. **Revista Brasileira de Educação**, n. 26, p. 133-144, 2004.
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. Profecias auto-realizadoras na sala de aula: as expectativas dos professores como determinantes não intencionais da capacidade intelectual dos alunos. In: PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p. 258-295.

*Recebido em: 05/08/2013*

*Aceito em: 19/08/2013*